

Valôr da Dramatização no Ensino

de MARIA S. MERAZZI

No contínuo contacto com a infância e em solilóquio com a minha consciência, tenho pensado e reconhecido que a chave do ensino é a vontade: ao mestre cumpre, pois, despertá-la, para desenvolver a mentalidade infantil.

Na primeira infância, a intuição dos objectos sensíveis leva a criança como encantada a comprazer-se em adquirir ideias por processos agradáveis; mas, na vida intelectual, tudo o que não seja adquirido por atavismo requere uma soma valiosa de trabalho que aumenta e solidifica o seu resultado, tanto maior quanto maior fôr o esforço empregado. O primeiro ensino desenvolve a fantasia; o segundo, cimenta os conhecimentos adquiridos, pondo em jôgo as manifestações da inteligência. Se a intuição é a primeira manifestação da educação sensorial, o caminho que conduz à perceptividade consciente, é necessário educar a criança na contemplação dos objectos sensíveis e, para que isso não resulte em paradoxo, levá-la a compreender a realidade dos factos.

A inteligência infantil, pronta a exaltar-se, presta atenção a tudo que é novo, gasta a sua força na recepção das impressões e, quando a sua escassa energia não basta para fixá-las, em vez de adquirir ideias de firme contorno, só conserva imagens muito vagas. É precisa aqui a habilidade do educador, que antes de exaltar a atenção da criança, deverá determinar a fôrça da actividade cerebral do educando, a delicadeza da sua sensibilidade e da sua energia volitiva; elementos que, condicionando a atenção, indicam o caminho que há-de levar o processo involutivo da inteligência: desde a curiosidade à atenção; da atenção à reflexão; da reflexão ao raciocínio.

Mas, para que a criança atenda, há-de ter sob a vontade o estímulo da curiosidade. Isto quer dizer que em todo o acto voluntário, existem dois elementos: um psíquico: o eu quero; outro, um mecanismo fisiológico e psíquico: eu devo. O homem inteligente, o que quer atingir um grau maior de perfeição, educa-se valendo-se da capacidade própria que toda a gente possui em maior ou menor grau: esta capacidade intelectual que se podia chamar raciocínio, faz que o homem se conheça e se guie, através da sua evolução ascendente, até chegar ao grau de educação que deseja, pois que a consciência educada do homem aceita os dois princípios: eu quero e devo. A consciência da criança apenas conhece um ponto de partida: eu quero (vontade). Estudemos a vontade, pois, nas suas duas manifestações mais correntes.

Das funções da vontade, uma impulsiva, (que consiste em vencer a inclinação para a inactividade) e a outra inibitória (que impede os movimentos da irreflexão), nascem o interesse e o esforço. Pelo interesse despertado ante a queda da massa, descobriu Newton as leis da gravitação universal. Galileu, impressionado pelas oscilações isócronas de uma das aranhas da catedral de Pisa, ideou o pêndulo. Arquimedes, interessado em dissecar as terras do baixo Egipto, inundadas pelo Nilo, criou a máquina que tem o seu nome. Porém, de que valeria o interesse a estes sábios se não os auxiliasse o esforço sobrehumano que fizeram? A este interesse e a este esforço é que o mestre deverá aplicar a máxima atenção, para que a resultante seja a adaptação da inteligência ao conhecimento que se queira transmitir, pois que se os grandes sábios que teve a humanidade de necessitaram de causas fortuitas ou maravilhosas para conceber as suas magnas ideias, a criança, verdadeiramente germen do homem, necessita também da variedade de motivos, de novidade, de dramatização, para conseguir, senão a fixação de ideias, ao menos a impressão delas. Mas para pôr em jôgo esta vontade dever-se-á considerar a natureza humana do aluno e lembrarmo-nos de que, da harmonia havida no desenvolvimento das suas faculdades, resultará a eficácia da sua educação; de nada nos serviria educar a inteligência descuidando-nos dos musculos e deixando vazio o coração; porém, esta educação integral e racional exige um cúmulo de factores para conseguir a sua eficácia: corpo são, um ambiente de primavera, cheio de luz, de ar e colorido, quadros, muitos quadros, disseminados ao acaso; ensinar à criança que há em tudo beleza, mas que devemos procurá-la, admirá-la, e por fim compreendê-la.

épica da energia

de RUNO FRAGA

bebei o vinho da Vida até ao fundo do copo
com decisão enérgica.

enchei o Corpo

de Alegria viril.

que os vossos Músculos duros

gerem Trabalho até ao derradeiro Esfôrço.

que os vossos gritos

esbofeteiem a serenidade idiota da manhã branca.

sêde másculos e rectos como o suicídio de Antero.

tende Convicção.

que a Vida arda

nas mais diminutas e afastadas células da vossa Carne.

Poetas da Cidade

que os vossos Versos berrem mais alto que as Sirenes insultuosas das Fábricas.

nunca afogueis o Vigor no pântano do Desânimo

que a Vida enquanto vive é eterna.

das Tristezas fazei desafios rebeldes

que arremessais ao Mundo

como bandeiras a ferver no vento histérico.

atirai-vos para a Vida resolutos e conscientes

como os nadadores que se lançam ao mar num salto
esplêndido

do cimo duma torre perigosamente alta.

queimai constante Energia nos Músculos retesos.

sorvei as Ideias até ao fundo

bem para além da poeira das Palavras.

que a vossa Alma—se não tendes alma conquistai ou roubai
uma — seja alegre e robusta

como canção guerreira heroica.

Poetas Camponeses

cantai a Beleza produtiva da Terra

sôbre o dorso dos Tractores canoros e das Debulhadoras
mecânicas.

ao ritmo da Epopeia metálica das alavancas de Aço.

como se todos os Homens

sendo Homens fôssem Herois

VIVEI ENERGIGAMENTE.